

Mário João Correia\*

## Demonstrabilidade das categorias: as *viae divisivae* e a crítica às mesmas

### Demonstrability of Categories: the *viae divisivae* and their criticisms

#### Abstract

From an early stage, the Aristotelian list of ten categories was seen with suspicion. Authors discussed not only the scope of the list - expressions, concepts, realities -, but also its alleged arbitrariness. One of the attempts to give an account of the completeness and sufficiency of the Aristotelian categories was inspired by a passage in Aristotle's *Topics*: a *vía divisiva*, in a shape of a tree, which covers all the possibilities. At least since Porphyry, several authors applied this scheme to the ten categories. With this work, I intend to present some of the *viae divisivae* created by 13th century authors, i.e., Robert Kilwardby, Albert the Great and Thomas Aquinas. In a second moment, I will give an account about Duns Scotus' critique to this kind of procedure. According to Scotus, the *viae divisivae* do the opposite of what is intended.

**Keywords:** Categories; *sufficiencia praedicamentorum*.

**Ancient and medieval authors:** Aristotle; Robert Kilwardby; Albertus Magnus; Thomas Aquinas; John Duns Scotus.

**Resumo:** Desde cedo que a lista aristotélica das dez categorias foi olhada com desconfiança. Não se discutia apenas o âmbito de aplicação da lista - expressões, conceitos, realidades -, mas também a sua presumível arbitrariedade. Uma das tentativas de dar conta da completude e da suficiência das categorias aristotélicas foi retirada, também ela, de Aristóteles (nos *Tópicos*): uma via divisiva que, num esquema arbóreo, vá cobrindo todas as possibilidades. Pelo menos a partir de Porfírio, vários autores fizeram o mesmo para as dez categorias. Com este trabalho, pretende-se expor algumas das vias divisivas criadas por autores do século XIII, a saber, Roberto Kilwardby, Alberto Magno e Tomás de

---

\* Doutorando em Filosofia, membro do projeto “Petrus Hispanus” e do Gabinete de Filosofia Medieval, Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal; mariojoaorr@gmail.com.

Aquino. Num segundo momento, dá-se conta de uma crítica a este tipo de tentativa de justificação, a qual marca, de certa maneira, um declínio nestas tentativas. Trata-se da crítica de Duns Escoto, o qual considera que as vias divisivas provam o contrário daquilo que é proposto.

**Palavras-chave:** Categorias; *sufficientia praedicamentorum*.

**Autores antigos e medievais:** Aristóteles; Roberto Kilwardby; Alberto Magno; Tomás de Aquino; João Duns Escoto.

## 1. Introdução

Muito antes das críticas de Arnauld e Nicole<sup>1</sup> na *Lógica de Port-Royal*, houve muitos filósofos que se preocuparam com a eventual arbitrariedade da lista aristotélica de categorias. De modo a tentar dar conta do problema, uma das respostas que mais cultores teve em dois períodos históricos distintos foi a demonstração das categorias a partir de critérios de divisão que ramificassem os vários predicamentos possíveis num esquema arbóreo.

O primeiro período dessas tentativas começa em Porfírio, o qual afasta as *Categorias* de Aristóteles do âmbito da metafísica ao afirmar que o *skopos* desta obra é descrever o mundo sensível a partir de uma linguagem comum<sup>2</sup>. Este passo

---

<sup>1</sup> «Voilà les X Catégories d'Aristote dont on fait tant de mystères, quoiqu'à dire le vrai ce soit une chose de soi très peu utile, & qui non seulement ne sert gueres à former le jugement, ce qui est le but de la vraie Logique, mais qui souvent y nuit beaucoup pour deux raisons qu'il est important de remarquer.

La première est, qu'on regarde ces Catégories comme une chose établie sur la raison & sur la vérité, au-lieu que c'est une chose toute arbitraire, & qui n'a de fondement que l'imagination d'un homme qui n'a eu aucune autorité de prescrire une loi aux autres, qui ont autant de droit que lui d'arranger d'une autre sorte les objets de leurs pensées, chacun selon sa manière de philosopher. (...)

La seconde raison qui rend l'étude des Catégories dangereuse, est qu'elle accoutume les hommes à se payer des mots, & à s'imaginer qu'ils savent toutes choses, lorsqu'ils n'en connoissent que des noms arbitraires, qui n'en forment dans l'esprit aucune idée claire & distincte, comme on le fera voir en un autre endroit.» A. Arnauld – P. Nicole, *La logique ou l'art de penser*, ed. P. Clair – F. Girbal, PUF, Paris 1965, p. I, cap. III, p. 51.

<sup>2</sup> «I shall say that since the subject of the work is significant expressions, and expressions are applied primarily to sensibles – for men first of all assign names to what they know and perceive, and only secondarily to those things that are primary by nature but secondary with respect to perception – it is reasonable for him to have called the things that are primarily signified by expressions, that is, sensibles and individuals, primary substances. Thus with respect to significant expressions sensible individuals are primary substances, but as regards nature, intelligible substances are primary.» Porphyry, *On Aristotle Categories*, trad. S. K. Strange, Bloomsbury, Londres – Nova Iorque 1992, p. 82 (Busse 91, 20-27).

fez com que as *Categorias* fossem lidas como versando sobre um esquema de coordenação de todas as expressões significantes simples, o qual desembocaria em dez gêneros supremos que as coordenam. Mas porquê estas e não outras? Há alguma razão que se possa dar para estabelecer o seu número e a sua suficiência? De acordo com Porfírio, sim. Perante a dificuldade de as categorias serem gêneros supremos e, enquanto tal, não poderem ter um género que as coordene a todas e do qual se dividam por uma diferença específica, propõe que sejam distinguidas pelas suas propriedades<sup>3</sup>. Embora o seu comentário mais longo, denominado *Pros Gedaleion*, se tenha perdido, sabe-se que propôs ainda outra hipótese: o já mencionado esquema arbóreo que divide as expressões simples de modo a chegar aos dez gêneros propostos por Aristóteles.

Essa tentativa inspirou outras semelhantes, das quais o corolário talvez se possa considerar que seja a tentativa do comentário de Simplício. Possivelmente a partir de Jâmblico<sup>4</sup>, Simplício começa por distinguir existências (*ὕπαρξεις*), potências (*δυνάμεις*) e atividades (*ἐνέργειαι*), mas dada a natureza intermediária das potências, decide agrupá-las com as existências, pelo que a primeira divisão a fazer dá-se entre existências/potências, isto é, aquilo que é ativo ou passivo, e as atividades que nelas ocorrem. Das atividades, decorrem as categorias do agir e do padecer. Das existências, decorrem as restantes oito. A primeira divisão das existências dá-se entre o que existe *per se* e o que existe noutra coisa, ou seja, o que inere. O que existe *per se* não é mais do que a substância. O que inere, pode fazê-lo de vários modos: ou sem relação com outra coisa, ou seja, absolutamente, ou em relação a outra coisa. No primeiro ramo, encontraremos qualidade e quantidade: respetivamente, o que inere na forma corpórea de uma coisa e o que faz dela algo extenso e pluralizado. Das existências que inerem em relação a outra coisa, numas há reciprocidade, noutras não. Onde há, encontramos a categoria da relação. Onde não há reciprocidade, encontramos uma nova subdivisão: corpos e incorpóreos. Nos incorpóreos, lugar e tempo, encontramos as categorias do onde e do quando. Na inerência de algo em relação aos corpos, encontraremos as duas categorias que restam, a saber, a posição e o ter. Distinguem-se por isto: a primeira congrega em si as existências em relação aos corpos nos quais estão estabelecidas ou estáveis, ou seja, coisas como estar de pé, estar sentado ou estar deitado; a segunda diz respeito ao que está adjacente, isto é, se um pé tem adjacente uma bota, então tem como existência em relação a essa bota o estar calçado. Simplício

<sup>3</sup> Cfr. *Ibid.*, p. 75 (Busse 87,15-20).

<sup>4</sup> Cfr. Jamblichus, *De mysteriis liber*, ed. G. Parthey, F. Nicolai, Berlim 1857, I.4-5, pp. 10-19.

pretende, deste modo, esgotar todos os predicados, ou melhor, todas as palavras ou expressões simples enquanto significantes de coisas. Apesar desta tentativa, afirma cautelosamente que tudo isto é criticável, mas talvez o seja mais devido a preciosismos de terminologia do que propriamente pela tentativa em si<sup>5</sup>.

Embora não seja fácil de apontar quais as razões que terão conduzido ao reaparecimento destas tentativas no mundo latino, o que é certo é que sensivelmente a partir do segundo quartel do século XIII, dois autores, a saber, Roberto Kilwardby e Nicolau de Paris, começam a propor novamente esquemas arbóreos aos quais se tem vindo a dar o nome de *sufficiëntiae*<sup>6</sup>. Fizeram-no não apenas para as categorias, mas para muitos outros assuntos, como por exemplo para estabelecer o número e a suficiência dos universais. O próprio Aristóteles, aliás, já havia feito um exercício semelhante nos *Tópicos* para demonstrar a completude dos tipos de predicados<sup>7</sup>. Contudo, no que diz respeito especificamente às categorias, podemos ver de antemão o problema que essa tentativa acarreta: é que justamente pelo facto de não haver um género a partir do qual se dividam, ou, melhor dizen-

<sup>5</sup> «(...) and I am well aware that it will be subject to many charges on the part of those who insist upon niceties of terminology». Simplicius, *On Aristotle Categories 1-4*, trad. M. Chase, Bloomsbury, Londres – Nova Iorque 2014, p. 83 (Kalbfleisch 68, 15-16). Este texto foi traduzido para o latim por Guilherme de Moerbeke na segunda metade do século XIII, mas é provável que não tenha tido qualquer influência nos autores que aqui trataremos. Cfr. H. Hansen, «Accounting for Aristotle's Categories: Some Notes on the Medieval *Sufficiëntiae Praedicamentorum* before Albert the Great», in B. Bydén – C. T. Thörnqvist (eds.), *The Aristotelian Tradition. Aristotle's Works on Logic and Metaphysics and Their Reception in the Middle Ages*, (Papers in Mediaeval Studies, 28) Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 2017, pp. 16-48.

<sup>6</sup> Também os autores árabes fizeram tentativas semelhantes à de Porfírio. Cfr. P. Thom, «The division of the categories according to Avicenna», in A. Alwishah – J. Hayes (eds.), *Aristotle and the Arabic Tradition*, Cambridge University Press, Cambridge 2015, cap. 2, pp. 30-49. No mundo latino, por sua vez, as *Categoriae decem*, isto é, a paráfrase temistiana às *Categorias* que foi mal atribuída a Agostinho de Hipona, contém uma divisão dos acidentes a partir de um critério: há uns que inerem dentro da substância, outros fora, e outros dentro e fora. Este critério, como veremos, é utilizado na via divisiva de Roberto Kilwardby. Cfr. *Pseudo-Augustini paraphrasis themistiana*, in *Aristoteles latinus 1.1-5*, §§ 51-54, p. 144, 19 - 145, 6. Sobre a questão da suficiência dos predicamentos em geral, além do artigo de Heine Hansen atrás mencionado, cfr. R. Andrews, *Peter of Auvergne's Commentary on Aristotle's Categories: Edition, Translation, and Analysis*, tese de doutoramento, Cornell University 1988, pp. 72-103; W. McMahon, «The Medieval Sufficiëntiae: Attempts at a Definitive Division of the Categories», in G. Klima (ed.), *Proceedings of the Society for Medieval Logic and Metaphysics*, vol. 2 (2002), URL = <http://faculty.fordham.edu/klima/SMLM/PSMLM2/PSMLM2.pdf>; H. Hansen, *John Pagus on Aristotle's Categories. A Study and Edition of the Rationes super Praedicamenta Aristotelis*, Leuven University Press, Lovaina 2012, Intro., p. I, cap. 2, pp. 102\*-143\*.

<sup>7</sup> Cfr. Hansen, «Accounting for Aristotle's Categories», cit., pp. 18-20.

do, pelo facto de as categorias serem primariamente diversas, essa divisão parece ser uma tarefa vã. Será esta a base da crítica de Duns Escoto, a qual constitui um marco na discussão, já que alerta precisamente para a inanidade das vias divisivas.

Posto isto, com esta apresentação, pretende-se expor, ainda que de um modo introdutório<sup>8</sup>, este segundo período de aparecimento de vias divisivas na tentativa de justificar a lista aristotélica de categorias. Num primeiro momento, serão apresentadas as vias divisivas de três autores, a saber, Roberto Kilwardby, Alberto Magno e Tomás de Aquino. Muito embora não tenham sido as únicas tentativas, constituem como que exemplos prototípicos de vias divisivas. Num segundo momento, mostrar-se-á a devastadora crítica de Duns Escoto às mesmas. Dar-se-á, deste modo, uma visão panorâmica do desenvolvimento desta discussão ao longo do século XIII.

## 2. As *viae divisivae*

### 2.1. Roberto Kilwardby

O primeiro autor sobre o qual pretendemos debruçar-nos é Roberto Kilwardby, cujo comentário à *Logica Vetus* contém uma justificação da lista aristotélica de categorias a partir do modelo da *sufficientia*, isto é, dividindo o assunto num esquema arbóreo que esgote todas as possibilidades<sup>9</sup>. As suas *Notulae super librum Praedicamentorum* (c. 1237-1240), a par das *Rationes super Praedicamenta* de Nicolau de Paris<sup>10</sup>, contém a primeira tentativa explícita deste género no contexto da escolástica medieval. Roberto Kilwardby faz uso de uma passagem da paráfrase temistianiana às *Categorias*, conhecida como *Categoriae decem*, como base para a sua via divisiva, embora não a cite. Eis a passagem:

Estas são as dez categorias, das quais a primeira é a *usia*, a qual sustém as restantes nove; as restantes, na verdade, são os nove *συμβεβηκότα*, isto é, acidentes. Destes nove, uns estão na

<sup>8</sup> Este assunto será mais desenvolvido na tese de doutoramento que ao momento da escrita desta comunicação estamos a desenvolver.

<sup>9</sup> Sobre o curso de Kilwardby sobre a *Logica Vetus*, cfr. A.D. Conti, «Semantics and Ontology in Robert Kilwardby's Commentaries on the *Logica Vetus*», in H. Lagerlund – P. Thom (eds.), *A Companion to the Philosophy of Robert Kilwardby*, Brill, Leida – Boston 2013, pp. 65-130.

<sup>10</sup> Cfr. Nicolaus Parisiensis, *Rationes super Praedicamenta*, 2, q. 3. Munique, Bayerische Staatsbibliothek, Clm., 14460, f. 44vb. A parte que contém a *sufficientia* de Nicolau é traduzida e comentada em Hansen, «Accounting for Aristotle's Categories», cit., pp. 29-34.

própria *usia*, outros fora da *usia*, outros quer dentro, quer fora. Qualidade, quantidade e jazer <(=posição)> estão na própria *usia* (com efeito, rapidamente, como disséssemos que a *usia* é homem ou cavalo, é necessário que advertíssemos ser bípede, trípede, ou branco, ou preto, ou levantado, ou jacente; estas coisas encontram-se nela própria e sem ela não podem existir). Outros estão fora da *usia*: onde, quando, ter (com efeito, nem o lugar pertence à *usia*, nem o tempo, e o estar vestido ou armado estão separados da *usia*). Outras são comuns, isto é, quer dentro quer fora da *usia*: relativamente a algo, fazer e padecer; relativamente a algo, como mais e menos – um e outro, de facto, não podem ser ditos senão em conjunto com outro que seja mais ou menos; logo, posto isto, um tem-se em si, outro, fora de si. Do mesmo modo, fazer está dentro e fora, tal como não se pode dizer “assassinar” a não ser que outro assassine, ou “ler” a não ser que o próprio leitor seja uma coisa e aquilo que ele lê outra (e logo, quer na *usia*, quer fora). Semelhantemente para o padecer: com efeito, ser assassinado ou ser queimado não pode ser nada a não ser que seja padecido por outro; devido a isso, esta <categoria> também está dentro e fora da *usia*<sup>11</sup>.

Com efeito, a divisão que Kilwardby propõe aponta igualmente para o facto de determinados acidentes se encontrarem dentro da substância (a *usia*, ou *usian*, nas *Categoriae decem*), outros fora e outros parcialmente dentro, parcialmente fora. Os acidentes são descritos sob a noção de *quod contingit*, o que acontece, ou o que é contingente<sup>12</sup>. A sua divisão tripartida, contudo, não coincide com a das *Categoriae decem*, posto que a categoria da relação, ou *ad aliquid* (relativamente a algo), é considerada como intrínseca à substância, enquanto que a posição é considerada como intermédia, isto é, parcialmente dentro, parcialmente fora. Além disso, ao contrário do que acontece nas *Categoriae decem*, Kilwardby aponta aquilo que diferenciaria cada uma das categorias nos três grupos a partir

<sup>11</sup> «Hae sunt categoriae decem, quarum prima usia est – scilicet quae novem ceteras sustinet – reliquae vero novem *συμβεβηκότα* (id est accidentia) sunt. Ex quibus novem sunt alia in ipsa usia, alia extra usian, alia et intra et extra. Qualitas, quantitas et iacere in ipsa usia sunt (mox enim ut usian vel hominem vel equum dixerimus, advertamus necesse est bipedalem, tripedalem, aut album aut nigrum, aut stantem aut iacentem; haec in ipsa sunt, et sine hac esse non possunt). Alia sunt extra usian: ubi, quando, habere (et locus enim ad usian non pertinet, et tempus et vestiri vel armari ab usia separata sunt). Alia sunt communia, id est et intra et extra usian: ad aliquid et facere et pati; ad aliquid, ut maius et minus (utraque enim dici non possunt nisi coniuncto altero quo maius sit vel minus; propterea ergo unum in se habent, aliud extra se). Item facere et extra est et intra ut caedere quisque dici non potest nisi alterum caedat, vel legere nisi ipse legens aliud sit, aliud quod legit (ita ergo et in usia est et extra). Pati similiter; caedi enim vel uri nullus potest nisi ab altero patiat; propterea hoc quoque et in usia est et extra usian.» *Pseudo-Augustini paraphrasis themistianae*, cit., §§ 51-54, p. 144, 19 - 145, 6.

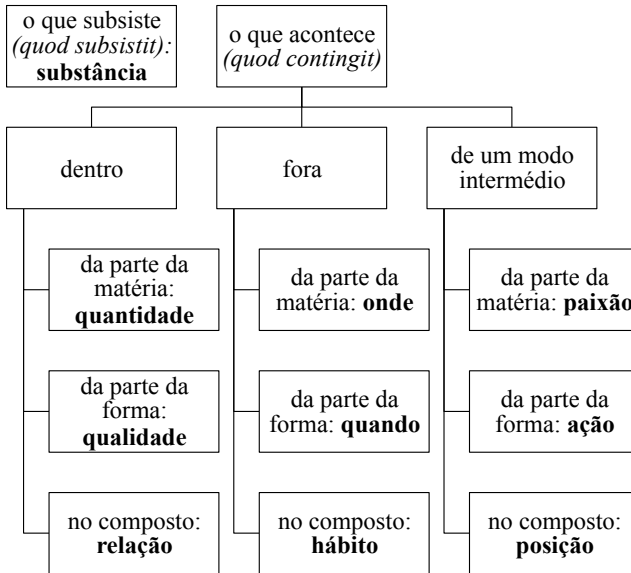
<sup>12</sup> Esta divisão primária entre *quod subsistit* e *quod contingit* coincide com a divisão da noção de “forma” no primeiro capítulo do *Liber sex principiorum*. Cfr. Anonymus, *Liber sex principiorum*, in Aristoteles Latinus 1.6-7, §14, p. 38, 5.

de um outro critério, a saber, se a categoria diz respeito à matéria, à forma ou ao composto de matéria e forma, tentando deste modo acomodar a doutrina hilemórfica da substância com a doutrina da substância nas *Categorias*, onde o par matéria-forma está absolutamente ausente. O texto fundamental onde podemos encontrar a sua via divisiva é a lição 5 das suas *Notulae super librum Praedicamentorum*:

A primeira dúvida é sobre o número dos que se dividem nesta divisão que tem dez membros, ou sobre o número de predicamentos, que pode tomar-se assim: o incomplexo ou significa substância ou acidente, pois ou é o que subsiste ou o que acontece (*quod contingit*); porém, o que acontece na substância não pode ser senão de três modos, a saber, ou dentro, ou fora, ou de um modo intermédio, e aconteça qualquer um destes modos, é sempre necessário que tenha uma relação essencial (*respectus essentialis*) com aquilo em que acontece, a saber, a substância. Contudo, ou acontece da parte da matéria da substância, ou da parte da forma da substância, ou da substância composta. O que acontece dentro e da parte da matéria é quantidade – a matéria, na verdade, é inteiramente numerável; da parte da forma é qualidade; da parte do conjunto é relação. De facto, estas são as que advêm da substância intrinsecamente. Porém, o que acontece fora da parte da matéria é onde; da parte da forma, quando; da parte do conjunto, hábito. O que acontece de um modo intermédio da parte da matéria é paixão; da parte da forma, ação; da parte do conjunto, posição. Portanto, tem-se destes modos o que acontece. O que subsiste, porém, é substância. Contudo, como a substância é o ente por si (*ens per se*) e princípio dos outros, e disposição dos restantes para a causalidade, permanece indivisa. Por isso, assim ao todo existem dez predicamentos: substância, quantidade, etc. E é patente a suficiência dos que se dividem a partir da divisão anteriormente dita<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> «Primum dubitabile de numero dividendum in ipsa divisione X membra habente, sive de numero praedicamentorum, qui potest sic accipi: incomplexum aut significat substantiam aut accidens, quia aut quod subsistit aut quod contingit; quod autem contingit substantiae hoc non potest esse nisi tripliciter, scilicet aut intra, aut extra, aut medio modo, et quocumque istorum modorum contingat, semper necesse est habere essentialem respectum ad id cui contingit, scilicet ad substantiam; contingit autem ex parte substantiae materiae, aut ex parte substantiae formae, aut substantiae compositae; quod contingit igitur intra ex parte materiae quantitas est – materia enim omnino numerabilis est – ex parte formae qualitas, ex parte coniuncti relatio – haec enim sunt quae intrinsece substantiae adveniunt –; quod autem contingit extra ex parte materiae ubi, ex parte formae quando, ex parte coniuncti habitus; quod autem contingit medio modo ex parte materiae passio, ex parte formae actio, ex parte coniuncti positio. His igitur modis se habet quod contingit. Quod subsistit autem est substantia. Substantia autem quia est per se ens et principium aliorum, est dispositio ceterorum ad causalitatem, et ideo remanet indivisa. Sic igitur in universo sunt X praedicamenta, substantia, quantitas, etc. Et patet sufficientia dividendum ex praedicta divisione». Robertus Kilwardby, *Notulae super librum Praedicamentorum*, lect. 5, pp. 18-19, ed. A. D. Conti, URL = [http://www-static.cc.univaq.it/diri/lettere/docenti/conti/Allegati/Kilwardby\\_praedicamenta.pdf](http://www-static.cc.univaq.it/diri/lettere/docenti/conti/Allegati/Kilwardby_praedicamenta.pdf) (consultado a 09/02/2018)

Resumamos num esquema arbóreo esta via divisiva:



O que talvez seja mais digno de nota é o facto de Kilwardby considerar que a relação é intrínseca, bem como o facto de a posição – a qual, quer nas *Categoriae decem*, quer numa outra autoridade bastante estudada e comentada no seu tempo, a saber, o *Liber sex principiorum*, era vista como *substantiae assistens*<sup>14</sup> – perder um pouco o destaque e o lugar privilegiado que tivera. Além disso, é de notar que

<sup>14</sup> «Parece, porém, mais próprio da posição ser um auxiliar da substância do que todas as outras formas que lhe são sobrepostas; de facto, a posição não é outra coisa do que a ordenação da própria substância natural, a qual é inata pelo seu princípio – tal como aquela que é áspera ou macia inere na igualdade ou desigualdade <das partes> – ou pela natureza do seu movimento habitual, tal como o estar sentado, reclinado e semelhantes. Portanto, o que quer que seja um auxiliar próximo da substância, necessariamente será uma posição, e esta razão dá-se na predicação de toda a posição.» (*Magis proprium autem videtur esse positionis substantiae proprius assistere omnibus quidem aliis formis superpositis; positio enim nihil aliud est quam naturalis ipsius substantie ordinatio que vel a principio quidem innata est, ut ea que asperis vel lenibus, equalibus vel inequalibus inest, vel a nature quidem motu consueto, ut sessio et accubitus et similia. Quidquid igitur est proxime substantie assistens, id necessario positio est; et omnis quidem positio huius rationis suscipit predicationem.*) Anonymus, *Liber sex principiorum*, cit., § 68, p. 51, 2 e ss..

a uniformidade de critérios na sua via divisiva, a saber, as duas tríades assentes numa análise metafísica da substância: dentro – fora – parcialmente dentro, parcialmente fora; e matéria – forma – composto.

## 2.2. Alberto Magno

Poucos anos depois do comentário de Roberto Kilwardby, Alberto Magno propõe uma via divisiva na sua paráfrase às *Categorias* (*De praedicamentis*, c. 1252-1257). Já foi notada por alguns intérpretes a influência do seu correligionário inglês nas obras lógicas de Alberto Magno<sup>15</sup>. Contudo, no que diz respeito à sua via divisiva, há diferenças bastante assinaláveis entre os autores. Mais do que isso, Alberto Magno propõe pela primeira vez algo que será central para o seu discípulo Tomás de Aquino, a saber, que se podem deduzir os predicamentos a partir dos modos de predicar (*modi praedicandi*)<sup>16</sup>, isto é, a assunção de um isomorfismo entre o plano da predicação e o plano do ser propriamente dito, algo que, mais no *De ortu scientiarum* do que nas *Notulae super librum Praedicamentorum*, não é inteiramente assumido por Kilwardby, dado que este acaba por admitir que há certas categorias que são *habitudines* de outras<sup>17</sup>. Além disso, é mais preponderante na sua leitura das categorias o par intrínseco vs. extrínseco, retirado muito provavelmente do *Liber sex principiorum*<sup>18</sup>, obra que também comentou, do que

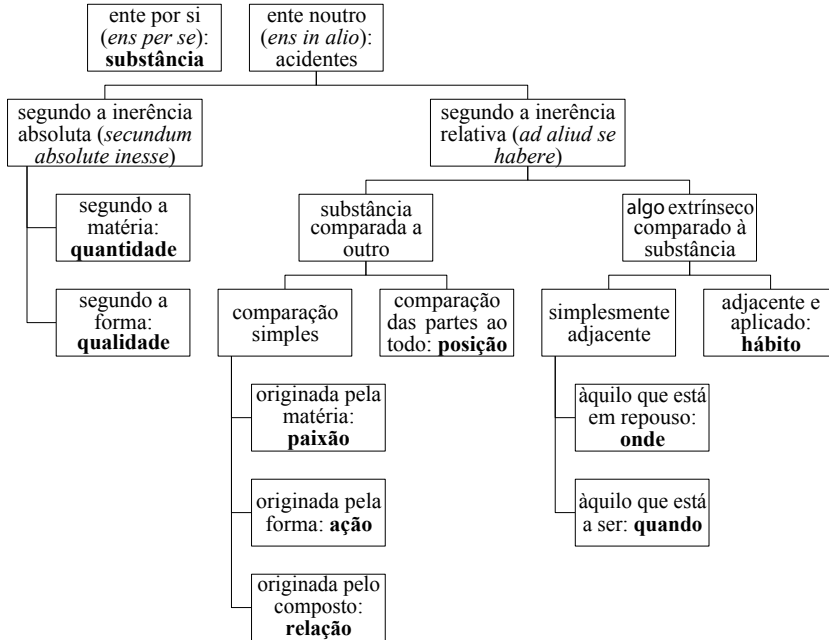
<sup>15</sup> Cfr. especialmente C. Steel, «Albert's use of Kilwardby's *Notulae* in his Paraphrase of the *Categories*», in L. Honnefelder – H. Möhle – S.B. del Barrio (eds.), *Via Alberti. Texte-Quellen-Interpretationen*, Aschendorff, Münster 2009, pp. 481–507.

<sup>16</sup> «Todos os predicáveis têm de reduzir-se a estes como a primeiros géneros da sua coordenação e primeiros princípios das coisas: com efeito, embora muitos tenham trabalhado para postular uma razão pela qual o número de princípios de todas as coisas se estabelece em dez, nós, quanto pudermos, dedicar-nos-emos a mostrar a razão desse número a partir dos modos de predicar próprios desses géneros. É de notar, portanto, que este número não é senão o número de predicáveis, os quais se predicam de sujeitos enquanto universais.» (*Ad haec omnia habent reduci praedicabilia sicut ad prima suae coordinationis genera et prima rerum illius generis principia. Quamvis enim multi laboraverunt, ut rationem ponant, quare numerus principiorum omnium rerum stat in decem, nos tamen quantum possumus, studebimus ex propriis horum generum modis praedicandi ostendere huius numeri rationem. Praenotandum igitur est quod iste numerus non est nisi praedicabilem, quae ut universalis de subiectis praedicantur.*) Albertus Magnus, *De praedicamentis*, ed. M. Santos-Noya – C. Steel – S. Donati, in *Alberti Magni Ordinis Fratrum Praedicatorum Episcopi Opera Omnia*, Aschendorff, Münster 1951-, tomo I, p. IB, tract. I, cap. 7, p. 17.

<sup>17</sup> Cfr. Robertus Kilwardby, *De ortu scientiarum*, ed. A.G. Judy O.P., The British Academy – The Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1976, cap. XXXIII, pp. 118-122.

<sup>18</sup> «Cada um daqueles que são contingentes ao existente, ou advêm extrinsecamente, ou é considerado simplesmente dentro da substância, tal como a linha, a superfície ou o corpo.» (*Eorum vero que existenti contingunt singulum aut extrinsecus advenit aut intra substantiam*

a divisão tripartida das *Categoriae decem*. Depois de tecer uma série de considerações acerca do facto de Deus se encontrar fora da coordenação predicamental e do facto de existirem algumas coisas que se predicam de tudo, a saber, os transcendententes ente, uno, coisa e algo, Alberto redige a sua divisão das categorias<sup>19</sup>. Eis uma apresentação esquemática da mesma, a qual de seguida será comentada:



Podemos verificar que por vezes Alberto utiliza a tripartição matéria – forma – composto, mas não sempre, nem do mesmo modo que Kilwardby. Parte daquilo que considera serem divisões imediatas do ente, e não dos ditos modos de predicar, pelo que acaba por fazer o inverso daquilo que tinha anunciado. Contudo, trata-se de um passo justificado pela sua própria assunção do isomorfismo entre os géneros das coisas e os géneros de predicáveis.

*simpliciter consideratur [ut linea, superficies, corpus].) Anonymus, Liber sex principiorum, cit., § 14, p. 38, 6. Antes de Alberto, já Nicolau de Paris fizera uso desta mesma divisão em intrínseco e extrínseco. De certa maneira, o próprio Roberto Kilwardby, ao substituir o lugar da posição e o da relação, assume esta distinção adaptativamente. Cfr. Hansen, «Accounting for Aristotle's Categories», cit., pp. 29-34.*

<sup>19</sup> Cfr. Albertus Magnus, *De praedicamentis*, cit., tract. I, cap. 7, p. 18.

Começa, deste modo, por dividir o ente em *ens per se* e *ens in alio* (ou *non per se*), divisão imediata entre opostos exclusivos, redutível à afirmação e à negação<sup>20</sup>. O ente *per se* é a substância. No ente *in alio*, dá-se uma nova subdivisão: a inerência de um ente noutro pode ser absoluta ou relativa. Por outras palavras, um ente pode inerir noutro no sentido em que está simplesmente inerente nele ou no sentido em que é tido por ele a partir da relação com outro ente<sup>21</sup>. No primeiro caso, encontraremos quantidade e qualidade, relacionados respetivamente com a matéria e a forma. A matéria é uma potência divisível que torna as formas suscetíveis à extensão e à numerabilidade, enquanto que a forma é a potência perfeita da matéria. Assim, se um ente inere noutro enquanto tornando-o suscetível à extensão, esse ente é uma quantidade; se inere noutro enquanto aperfeiçoando a sua matéria rumo à atualização e à operação, então esse ente é uma qualidade<sup>22</sup>.

Quando um ente está inerente noutro a partir de uma relação com um terceiro, há uma nova divisão a partir daquilo que causa esta relação: a substância ser comparada com outra coisa ou algo extrínseco à substância ser comparado com a mesma<sup>23</sup>. No primeiro ramo, há novamente duas hipóteses: a comparação sim-

<sup>20</sup> «Assim, afloradas estas coisas, digamos que o predicável de algo ou é substância, ou é acidente: e esta divisão dá-se imediatamente pelos opostos, os quais se reduzem à afirmação e à negação, tal como o ente por si e não por si.» (*His ita praelibatis dicamus quod praedicabile de aliquo est substantia aut accidens; et haec divisio est per opposita immediate, quae reducuntur ad affirmationem et negationem, sicut ens per se et non per se ens*). Ibidem.

<sup>21</sup> «De facto, o acidente ou é acidente segundo a inerência, ou segundo algum modo de se ter para outro.» (*Accidens enim aut est accidens secundum inesse aut secundum aliquem modum ad aliud se habere*). Ibidem.

<sup>22</sup> «Porém, se é um acidente ou “ad-cadente” segundo a inerência absoluta, então ou inere de acordo com a matéria, que é a potência divisível, extensível e numerável para a suscetibilidade das formas, potência esta que primeiramente se descobre na matéria; ou inere absolutamente de acordo com a potência da forma, a qual é perfeita da matéria em direção ao ato e à operação. Se inere no primeiro modo, então é quantidade, e se inere no segundo modo, então é qualidade, a qual é a disposição da substância para algumas operações e para os atos.» (*Si autem est accidens sive ad-cadens secundum absolute inesse, tunc aut inest secundum materiam, quae potentia divisibilis est et extensibilis et numerabilis ad formarum susceptionem, quae, inquam, potentia primo invenitur in materia, aut inest absolute secundum potentiae formae, quae est perfectiva materiae ad actum et operationem. Si autem primo modo inest, tunc est quantitas, et si secundo modo inest, tunc est qualitas, quae dispositio est substantiae ad operationes aliquas et ad actus.*) Ibidem.

<sup>23</sup> «Contudo, se não é um acidente de acordo com a inerência absoluta, mas cai para a substância segundo aquilo que é de algum modo ter-se a substância para outro, então não pode ser senão de dois modos: ou aquilo que de algum modo se tem para outro é causado pela substância comparada a outro, ou por algo extrínseco comparado à substância da qual se predica.» (*Si autem non est accidens secundum inesse absolutum, sed cadit ad substantiam secundum id quod est*

ples ou a comparação das partes da substância com o todo. O segundo caso não é outra coisa do que a categoria da posição (*situs vel positio*). No que diz respeito à comparação simples, Alberto faz uso da tripartição de Kilwardby: matéria, forma e composto. O ente causado pela relação de uma substância com a matéria é a paixão; o que é causado pela relação de uma substância com a forma é a ação; o que é causado pela relação de uma substância com um composto de matéria e forma, é a relação propriamente dita, o relativamente a algo (*ad aliquid sive relatio*). No que diz respeito à ação e à paixão, Averróis é citado para se dizer que a ação é a comparação do agente ao paciente e que a paixão é a comparação do paciente ao agente<sup>24</sup>.

No ramo que resta, a saber, quando um ente é causado pela comparação de algo extrínseco com uma substância, há uma nova bifurcação: comparação simplesmente com o adjacente ou comparação com um adjacente aplicado. No segundo ramo, encontramos o hábito. Aplicado, neste contexto, é literalmente aplicado, como um sapato num pé ou uma peça de roupa no corpo. No primeiro, há uma nova subdivisão para as restantes categorias: onde e quando. Quando a comparação é simples e se dá com algo extrínseco em repouso, temos o onde;

---

*aliquo modo se habere substantiam ad aliud, tunc non potest esse nisi duobus modis: aut illud aliquo modo se habere ad aliud causatur a substantia comparata ad aliud aut ab alio extrinseco comparato ad substantia*). Ibidem.

24 «Se no primeiro modo, então, de facto, não é senão de dois modos: na verdade, ou é na comparação simples para outro, ou segundo a comparação das partes ao todo considerado em si próprio. E se é no segundo modo, é o estar situado ou a posição. Porém, se é no primeiro, ou é segundo a comparação originada pela forma, ou segundo a comparação originada pela matéria, o segundo a comparação originada pelo todo em simultâneo. E se é predicável segundo a comparação originada pela forma, é ação: donde Averróis diz que a ação não é outra coisa senão a comparação do agente ao paciente. Se a comparação, porém, é originada pela matéria, então é padecer: devido a isto, igualmente Averróis diz que a paixão é a comparação do paciente ao agente enquanto é agente. Se, contudo, é originada pelo todo, então não se pode originar a não ser por algum ato do todo, no qual nasce aquela comparação, e então é para algo ou relação.» (*Si primo, tunc iterum non est nisi duobus modis: aut enim est in comparatione simplici ad aliquid aut secundum comparationem partium ad totum in seipso consideratum. Et si est secundo modo, tunc est situs vel positio. Si autem est primo modo, aut secundum comparationem ortam a forma, aut secundum comparationem ortam a materia, aut secundum comparationem ortam a toto simul. Et si est praedicabile secundum comparationem ortam a forma, est actio; unde dicit Averroes in commento super Physicam Aristotelis quod actio nihil aliud est nisi 'comparatio agentis ad patiens'. Si autem comparatio illa est orta a materia, tunc est pati; propter quod idem Averroes dicit quod passio est comparatio patientis ad agens, secundum quod agens est. Si autem oritur a toto, non potest oriri nisi per aliquem actum totius, quo innascitur comparatio illa, et tunc est ad aliquid sive relatio*). Ibidem.

quando se com algo *quod est esse*, isto é, que é com movimento e ser distendido (*quod est cum motu et esse distenso*), temos o quando<sup>25</sup>.

Não é difícil de levantar, apesar da aparente sofisticação desta tentativa, questões evidentes. Várias categorias são relações, ou originadas por relações, e poderiam até ser consideradas espécies de relações, pelo que talvez sejam redutíveis. Por outro lado, como é que uma comparação de algo com outra coisa que lhe é extrínseca pode ser considerada um tipo de ente? Não é apenas denominar uma coisa a partir de outra coisa, ou seja, referir uma substância (ou uma quantidade ou uma qualidade) não diretamente pelo seu nome, mas pela sua comparação com outra coisa? Como é que isso pode fundar um género de seres, ou sequer de predicáveis? E ainda, porque é que coisas como “calçado” ou “armado” são um tipo próprio de ser e não apenas uma comparação intelectual entre dois entes independentes? Há aqui uma mescla entre critérios metafísicos (matéria, forma, etc.), critérios físicos (movimento e repouso) e critérios de comparação que são difíceis de perspetivar como independentes de operações mentais (o caso flagrante do hábito, que apenas mostra que um ente está a rodear outro, ou que está “aplicado” noutra). Num certo sentido, a divisão, bem mais simples, de Kilwardby, é mais coerente nos critérios que usa, dado que todos eles dizem respeito a noções metafísicas relacionadas com a substância e a sua constituição hilemórfica.

### 2.3. Tomás de Aquino

Por último, chegamos a Tomás de Aquino, cuja derivação das categorias, ao contrário do do seu mestre, parte, de facto, dos modos de predicar, muito embora,

<sup>25</sup> «Se, porém, a comparação é originada por algo extrínseco comparado ao sujeito do qual se faz a predicação, esse extrínseco ou é apenas adjacente, ou adjacente e aplicado. Se é apenas adjacente, e a partir da simples adjacência comparado, ou é adjacente àquilo que está em repouso, ou é adjacente àquilo que está a ser (*ei quod est esse*), que é com movimento e ser distendido (*esse distenso*). De facto, se é originado pela adjacência de um extrínseco no primeiro modo, então é o onde. Se, porém, a comparação é originada pela adjacência de um extrínseco no segundo modo, então é o predicamento quando. Se, contudo, é originado pelo adjacente extrínseco e aplicado, então é o predicamento hábito. E não se podem predicar mais coisas de acordo com a adjacência do extrínseco.» (*Si autem oritur comparatio ab aliquo extrinseco comparato ad subiectum, de quo fit praedicatio, illud extrinsecum aut est adiacens tantum, aut adiacens et applicatum. Si autem est adiacens tantum et ex adiacentia simplici comparatum, aut est adiacens ei quod est in quiete, aut est adiacens ei quod est esse, quod est cum motu et esse distenso. Si primo quidem est ortum ab adiacentia extrinseci, tunc est ubi. Si autem comparatio orta est ab adiacentia secundo modo, tunc est praedicamentum quando. Si autem oritur ab adiacente extrinseco et applicato, tunc est praedicamentum habitus. Nec possunt plura praedicari secundum adiacentia extrinsecus*). Ibidem.

como veremos, pareça não cumprir inteiramente com a sua própria exigência e chamar à discussão critérios heterogêneos. Diferentemente dos outros dois autores aqui apresentados, Tomás não comenta as *Categorias*. É nas suas exposições da *Metafísica* (c. 1270-1272) e da *Física* (c. 1268-1269) que a sua derivação das categorias a partir dos modos de predicação *per se* é desenvolvida.

Na sua exposição de *Metafísica* V, c. 7, 1017a6-b9, Tomás de Aquino explora as divisões de “ente” (*ens*) levadas a cabo por Aristóteles. A primeira é a divisão entre ente em si (*ens secundum se*) e ente por acidente (*ens secundum accidens*). O ente por acidente tem três modos. O ente em si, enquanto ente fora da alma (*extra animam*), subdivide-se nas dez categorias. E é por aqui que devemos começar. Como nota Tomás, a divisão entre substância e acidente não corresponde à divisão entre ente em si e ente por acidente<sup>26</sup>. “Ente” diz-se por acidente quando algo se diz acidentalmente de algo, como na proposição “o homem é músico”, mas isso não diz nada quanto ao facto de os termos serem acidentes ou substâncias. Não é porque “músico” é um acidente que “homem músico” é um ente accidental, mas porque “músico” se diz acidentalmente de “homem”. Se se dissesse “a branca é uma cor”, a cópula “é” significaria um ente em si, porque a cor não é um acidente da branca, é parte da sua definição. O ente em si não pode ser unívoco pela aporia do género. O ente não se pode contrair em espécies por diferenças, uma vez que estas são externas ao género. Para haver diferenças do ente enquanto diferenciadores de espécies num género, isso significaria que a diferença estaria fora da essência do ente. Por conseguinte, têm de existir vários géneros primeiros irreduzíveis. Mas quais? E quantos? E porquê? É aqui que surge em Tomás a tentativa de encontrar uma justificação para a lista aristotélica das dez categorias. Começa por afirmar, por um argumento de autoridade, o isomorfismo:

É mister que o ente se contraia em diversos géneros segundo o diverso modo de predicar (*modus praedicandi*), que se segue do diverso modo de ser (*modus essendi*), pois «quantos [os modos] o ente é dito», isto é, quantos os modos algo se predica, «tantos o ser é significado»,

<sup>26</sup> «É de saber, contudo, que esta divisão do ente não é a mesma do que aquela divisão pela qual o ente é dividido em substância e acidente, o que é patente a partir disto: pois [Aristóteles] mais à frente divide o ente em si (*ens secundum se*) em dez predicamentos, dos quais nove são do género dos acidentes.» (*Sciendum tamen est quod illa divisio entis non est eadem cum illa divisione qua dividitur ens in substantiam et accidens. Quod ex hoc patet, quia ipse postmodum, ens secundum se dividit in decem praedicamenta, quorum novem sunt de genere accidentis.*) Thomas de Aquino, *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis expositio*, ed. M.R. Cathala – R.M. Spiazzi, Marietti, Turim – Roma 1971, lib. V, lec. 9, n. 885.

isto é, tantos os modos são significados que algo é. E por isso, aquelas coisas nas quais se divide o ente primariamente são ditas predicamentos, pois distinguem-se segundo diversos modos de predicar<sup>27</sup>.

É este isomorfismo, que já aparecera em Alberto, que lhe permite considerar que pode derivar as dez categorias dos modos de predicar. Mas não de quaisquer modos de predicar. Embora Tomás não explicita este ponto, é claro pela exposição que este isomorfismo significa que é necessário utilizar a predicação *per se*, pois encontramos-nos no campo do ente em si. Tomás aceita três dos quatro modos de predicação *per se* presentes nos *Analíticos Posteriores*, a saber, a predicação *per se primo modo*, a predicação *per se secundo modo* e a predicação *per se quarto modo*<sup>28</sup>. A *tertio modo* é vista como um sentido específico do termo *per*, e não como um modo de predicação. Há predicação *per se primo modo* quando o predicado pertence à essência do sujeito, como ao predicar “animal” de “homem”. Há predicação *per se secundo modo* quando a definição do predicado inclui o sujeito, como ao predicar “reta” de “linha”. “Reta” não é um predicado essencial de “linha”, porque não a define, mas “linha” está compreendida na definição de “reta”. Há predicação *per se quarto modo* quando se predica uma causa eficiente extrínseca ao sujeito. O exemplo dado por Aristóteles é o de um cão morrer por ser decapitado: nem o sujeito “decapitado” se define pelo predicado “estar morto”, nem o predicado “estar morto” contém o sujeito “decapitado” na sua definição, mas a decapitação é uma causa eficiente extrínseca da morte, pelo que não há uma relação accidental entre o sujeito “decapitado” e o predicado “estar morto”, uma vez que este modo de predicação cumpre as duas condições suficientes para ser considerado um modo de predicação *per se*: que o predicado se diga universalmente do sujeito (todo o decapitado está morto); que o sujeito seja a causa do predicado (neste caso, a decapitação é causa eficiente da morte)<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> «Unde oportet, quod ens contrahatur ad diversa genera secundum diversum modum praedicandi, qui consequitur diversum modum essendi; quia quoties ens dicitur, idest quot modis aliquid praedicatur, toties esse significatur, idest tot modis significatur aliquid esse. Et propter hoc ea in quae dividitur ens primo, dicuntur esse praedicamenta, quia distinguuntur secundum diversum modum praedicandi.» Ibidem, n. 890.

<sup>28</sup> Cfr. Aristóteles, *Analíticos Posteriores*, I, cap. 4, 73a-74a.

<sup>29</sup> Cfr. P. Symington, *On Determining What There is. The Identity of Ontological Categories in Aquinas, Scotus and Lowe*, Ontos verlag, Francoforte – Paris – Lancaster – New Brunswick 2010, cap. I.III, pp. 31-38; Thomas de Aquino, *In libros Posteriorum Analyticorum expositio*, ed. R.M. Spiazzi, Marietti, Turim – Roma 1964, lib. I, lec. 10, nn. 82-89.

A estratégia de Tomás consiste em demonstrar que cada uma das categorias corresponde a um modo específico de predicação *per se*, de tal maneira que se esgotem todas as possibilidades diferentes de predicar *per se* um predicado de um sujeito. Como há um isomorfismo entre modos de predicar e modos de ser, para cada modo em que um predicado se predica *per se* de um sujeito há um modo de ser diferente e irreduzível. Isto não significa que cada predicamento só se possa utilizar em determinada forma lógica. Ele é derivado de uma forma lógica, mas pode ser utilizado de muitos modos. Antes de mais, numa predicação accidental. O importante é o estabelecimento da identidade das categorias a partir do seu modo de predicação *per se* próprio. Resta compreender como se podem derivar dez predicamentos de três modos apenas.

Depois de afirmar que o predicado pode ser tido por um sujeito de três modos, Tomás diz que o primeiro desses três modos é quando o predicado é aquilo que é o sujeito, que é o modo que corresponde à substância primeira, «que é a substância particular, da qual todas as coisas se predicam»<sup>30</sup>. Este modo não tem qualquer subdivisão.

O segundo modo, correspondente à predicação *per se secundo modo*, é a inerência de um predicado num sujeito. Este modo subdivide-se em inerência absoluta e inerência relativa. Quando o predicado inere por si e absolutamente no sujeito, ele pode fazê-lo enquanto sendo aquilo que se segue da matéria do sujeito ou enquanto sendo aquilo que se segue da forma. No primeiro caso, encontramos o predicamento da quantidade. No segundo, o da qualidade. Se a inerência do predicado no sujeito não for absoluta, mas relativa a outra coisa, encontramos o predicamento da relação.

O terceiro modo, correspondente à predicação *per se quarto modo*, é aquele no qual algo extrínseco ao sujeito se predica dele. Embora as derivações sejam coincidentes, na derivação que faz na sua exposição da *Física*, ao tentar resolver o problema de porque é que o movimento não é uma categoria só, Tomás é mais estruturado nas subdivisões do que na sua exposição da *Metafísica*. Não só é mais estruturado como tece alguns argumentos importantes exclusivamente nesta, pelo que será utilizada como referência.

A predicação *per se quarto modo* tem uma característica fundamental: a denominação<sup>31</sup> de algo extrínseco. Quando um predicado é denominado a partir

<sup>30</sup> Thomas de Aquino, *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis expositio*, cit., lib. V, lec. 9, n. 891.

<sup>31</sup> A denominação é o modo como os acidentes se predicam da substância em geral. Para dar o

de algo extrínseco, pode sê-lo comumente ou especialmente. Pode sê-lo comumente de dois modos: ou enquanto denominando uma causa extrínseca ou enquanto denominando uma medida extrínseca. Apesar de haver quatro causas, as únicas causas extrínsecas são a causa final e a causa agente ou eficiente. Matéria e forma, ou causa material e causa formal, pertencem ao predicamento da substância. A causa final, por sua vez, «não causa separadamente algo a partir do agente»<sup>32</sup>, embora seja aquilo que move o agente. Por isso, resta a causa agente ou eficiente, da qual se retiram dois predicamentos: a ação e a paixão. Quando se predica algo *per se quarto modo* que seja denominado a partir da causa agente, encontramos o predicamento da paixão, que «não é senão receber algo a partir de um agente»<sup>33</sup>. Quando se predica algo *per se quarto modo* que seja denominado a partir do efeito, ou seja, enquanto termo no qual o agente causa a ação, encontramos o predicamento da ação. Toda a lição 5 do livro III da exposição à *Física* que aqui está a ser utilizada, intitulada *Utrum actio et passio sint idem motus*, trata justamente de mostrar que não se pode postular o movimento como predicamento e, conseqüentemente, a ação e a paixão como espécies do movimento, uma vez que ambas são irredutíveis. Sem entrar em detalhes, o movimento é um só, mas exige a assunção de dois predicamentos, porque no movimento duas coisas exteriores são denominadas, a saber, o agente e o paciente<sup>34</sup>.

---

exemplo comum, “branco” é denominado a partir de “brancura”, que é uma qualidade. Como vimos, a qualidade deriva-se a partir da predicação *per se secundo modo*, enquanto algo que inere num sujeito. Como se pode compreender isto? O “branco” inerente num sujeito não é a brancura tomada enquanto tal, e portanto não pode ser utilizado para compreendê-la enquanto sendo um ente em si. Enquanto ente em si, a identidade de uma qualidade constitui-se por uma forma lógica – “é” significa qualidade quando o predicado inere num sujeito a partir da sua forma. Portanto, a brancura é um ente em si correspondente a um modo de predicação *per se*, mas a brancura enquanto inerente à substância “homem” constitui um ente accidental, a saber, um homem branco. Quando se predica a brancura de um homem, não se trata de um modo de predicação *per se*, pois a brancura não se diz universalmente do homem nem o homem é causa da brancura.

<sup>32</sup> Thomas de Aquino, *Commentaria in octo libros Physicorum Aristotelis*, in *Opera omnia iussu impensaue Leonis XIII*, Ex Typographia Polyglotta S. C. de Propaganda Fide, Roma 1884, t. 2, lib. III, lect. 5, n. 322.

<sup>33</sup> Ibidem.

<sup>34</sup> «Logo, assim é patente que embora o movimento seja um, contudo os predicamentos que são assumidos segundo o movimento são dois, de acordo com aquilo que a partir de diversas coisas exteriores faz denominações predicamentais. Com efeito, uma coisa é o agente, a qual a partir do exterior é assumida pelo modo da denominação do predicamento da paixão; e outra coisa é o paciente pela qual se denomina o agente» (*Sic igitur patet quod licet motus sit unus, tamen praedicamenta quae sumuntur secundum motum, sunt duo, secundum quod a diversis rebus exterioribus fiunt praedicamentales denominationes. Nam alia res est agens, a qua sicut ab exteriori,*

Passemos à predicação *per se quarto modo* enquanto denominando uma medida extrínseca. A medida intrínseca – ou seja, longitude, latitude e profundidade –, como o próprio nome indica, inere num sujeito, e por isso pertence ao predicamento da quantidade. A extrínseca é de dois tipos: o tempo e o lugar. Se predicarmos a medida extrínseca de um sujeito no que diz respeito ao tempo, encontramos o quando. Se predicarmos a medida extrínseca de um sujeito no que diz respeito ao lugar, encontramos mais duas categorias: o onde e a posição. O que os distingue é que o primeiro não diz respeito à ordem das partes do sujeito no lugar e o segundo adiciona ao onde essa ordem. No caso do tempo, não há necessidade de fazer essa subdivisão, porque o tempo é por definição ordenado nas suas partes de acordo com o antes e o depois.

Resta o hábito, o mais difícil de acomodar a um modo de predicação próprio. Tomás distingue-o dizendo que este diz apenas respeito ao homem e à sua complexidade:

Mas existe algo especial nos homens. Na verdade, nos outros animais a natureza deu suficientemente aquelas coisas que pertencem à conservação da vida, como cornos para se defenderem, couro grosso e peludo para se cobrirem, unhas ou algo desse tipo para caminharem sem lesões. E assim, quando tais animais se dizem armados, ou vestidos, ou calçados, de algum modo não se denominam a partir de algo extrínseco, mas a partir de algumas das suas partes. (...) Mas estas coisas não puderam ser dadas ao homem pela natureza, quer porque não seriam convenientes à subtilidade da sua complexão, quer por causa da multiplicidade de obras que convêm ao homem enquanto tem razão (...). Por isso, quando o homem se diz armado, ou vestido, ou calçado, é denominado a partir de algo extrínseco, que não tem razão, nem causa, nem medida: donde há um predicamento especial, e chama-se hábito<sup>35</sup>.

De que maneira pode o hábito ser considerado a partir de um modo de predicação *per se*? Pode ser tomado como um ente em si? Ressurge novamente o problema que já víramos em Alberto. Se é tratado como um ente em si, não é equiva-

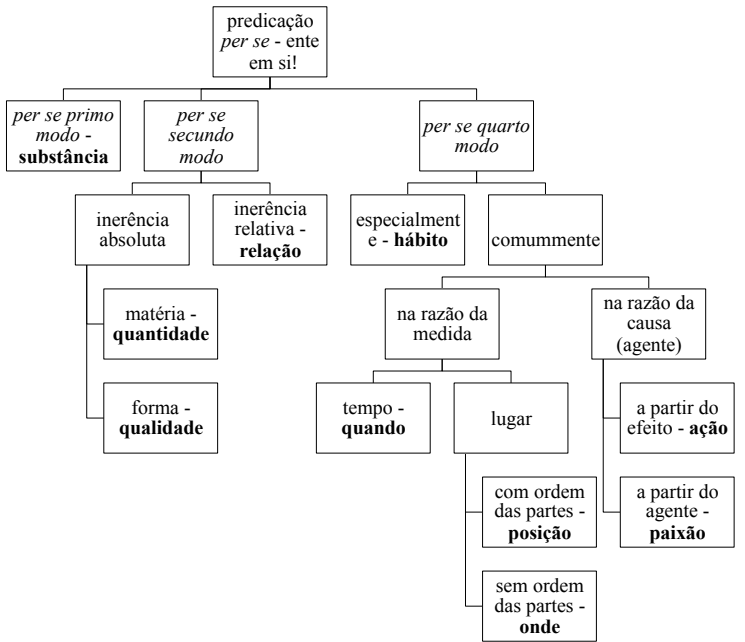
---

*sumitur per modum denominationis praedicamentum passionis: et alia res est patiens a qua denominatur agens*). Ibidem, n. 323.

<sup>35</sup> *Est autem aliquid speciale in hominibus. In aliis enim animalibus natura dedit sufficienter ea quae ad conservationem vitae pertinent, ut cornua ad defendendum, corium grossum et pilosum ad tegendum, ungulas vel aliquid huiusmodi ad incedendum sine laesione. Et sic cum talia animalia dicuntur armata vel vestita vel calceata, quodammodo non denominantur ab aliquo extrinseco, sed ab aliquibus suis partibus. (...) Sed huiusmodi non poterant dari homini a natura, tum quia non conveniebant subtilitati complexionis eius, tum propter multiformitatem operum quae conveniunt homini in quantum habet rationem (...). Unde cum homo dicitur armatus vel vestitus vel calceatus, denominatur ab aliquo extrinseco, quod non habet rationem neque causae, neque mensurae: unde est speciale praedicamentum, et dicitur habitus*. Ibidem, n. 322.

lente à relação, por haver uma inerência de um ente num sujeito a partir de outro ente? Tomás parece ligar o hábito à racionalidade humana de maneira a poder dizer que pelo uso da razão, há uma inclinação dos homens a obterem determinados artefactos. Assim, há uma certa relação universal e causal entre o homem e o uso de artefactos como o calçado ou a roupa, que não equivale ao estabelecimento de uma relação, como a paternidade, nem à mera agregação accidental de dois entes<sup>36</sup>.

Como temos vindo a fazer, resumamos esquematicamente a sua tentativa:



Mais uma vez, cabe perguntar: não estamos aqui a misturar critérios de predicação com critérios metafísicos? De facto, é difícil compreender de que modo estas subdivisões da predicação *per se quarto modo* se distinguem meramente a partir do modo como um predicado é dito de um sujeito a partir da denominação de algo extrínseco<sup>37</sup>. Está já no modo de predicação de determinadas proposições

<sup>36</sup> Sobre a noção de *habitus* em Tomás, cfr. M.K. Spencer, «The Category of Habitus: Artifacts, Accidents, and Human Nature», *The Thomist* 79.1 (jan. 2015) 113-154.

<sup>37</sup> Paul Symington, que propõe a mesma leitura das derivações tomasianas do que aquela que aqui tem vindo a ser exposta, quando chega a estas seis últimas categorias, enreda-se exatamente no mesmo problema. Cfr. Symington, *On Determining What There is*, cit., cap. I.IV, pp. 43-45.

que o predicado seja medida, ou causa, ou inteiramente extrínseco? No hábito, este problema é flagrante. Contudo, Tomás parece considerar, pelo menos tacitamente, que ele é necessário para a completude de tudo aquilo que se possa dizer, pois nenhum outro predicamento parece poder assimilar o hábito. Mas até mesmo a remissão da quantidade à matéria e da qualidade à forma faz-nos suspeitar de uma heterogeneidade de critérios<sup>38</sup>. Muitas vezes, o que parece distingui-los é mesmo o conteúdo dos predicados. No próximo capítulo, veremos que falhas encontra Duns Escoto nos procedimentos que temos vindo a apresentar.

### 3. As críticas de Duns Escoto

Deve dizer-se que antes de Duns Escoto, já Pedro de João Olivi, inspirando-se numa passagem de Avicena, fizera uma crítica a esta tentativa de partir de um isomorfismo entre modos de ser e modos de predicar<sup>39</sup>. Por uma questão de brevidade, porém, apresentaremos aqui apenas as críticas de Duns Escoto. O ponto-chave da sua crítica é o modo como pensa que se relacionam a lógica e a metafísica, o qual impede que se assuma o isomorfismo que Alberto e Tomás haviam assumido.

Com efeito, há um tratamento dúplice das categorias que terá de ser descortinado. As categorias enquanto conceitos de segunda intenção constituem uma parte integrante da lógica e são alvo de uma ciência *propter quid* (que parte de princípios primeiros e deduz silogisticamente verdades a partir desses princípios) das categorias. Enquanto géneros generalíssimos do ente, elas não podem ser justificadas através do seu tratamento enquanto conceitos, pois isso quereria dizer que há uma relação de dependência entre um nível e outro. Escoto defenderá que há uma relação accidental entre os dois níveis. Todavia, não quer

---

<sup>38</sup> De acordo com Paul Symington, há condições de predicação diferentes para quantidade e qualidade na medida em que os termos que são predicados que caem na categoria da quantidade podem ser sujeito de outras propriedades e as qualidades não. Cfr. *Ibidem*, p. 41. Tomás nunca refere este raciocínio, pelo que é abusivo atribuir-lhe esta resolução do problema. Paul Symington é realmente convincente, e está justificado pelo próprio texto de Tomás, no que toca à identificação da aplicação dos três modos de predicação *per se* na derivação, mas é abusivo na tentativa de salvar Tomás das suas próprias insuficiências. Insuficiências no sentido em que a sua derivação sobrepõe critérios de natureza diversa.

<sup>39</sup> Cfr. Petrus Johannis Olivi, *Quaestiones in secundum librum Sententiarum*, ed. B. Jansen, Collegium S. Bonaventurae, Quaracchi 1922-1926, vol. 1, q. 28.

isso dizer para Escoto que não se possa estabelecer a identidade e a suficiência das categorias aristotélicas. Pode-se, sim, mas não através de uma via divisiva. Pode-se distingui-las pela compreensão da diversidade das suas essências ou naturezas.

Duns Escoto trata diretamente do problema da suficiência das categorias em dois comentários por questões a Aristóteles: *Quaestiones super Praedicamenta Aristotelis* (c. 1295), questão 11, e *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis*, livro V, questões 5-6<sup>40</sup>. Para podermos ir ao encontro da sua crítica, antes de nos debruçarmos sobre estes textos, comecemos por dar conta do seu tratamento dúplice das categorias nas primeiras três questões do seu comentário às *Categorias*:

Por isso pode dizer-se que aqui (= nas Categorias de Aristóteles) são considerados os dez predicamentos enquanto se lhes atribui algo causado pela razão, pois de outro modo não podem ser considerados pelo lógico. E deste modo não têm apenas unidade de analogia, mas também de univocação; e deste modo, o unívoco nelas é algo intencional, que é aqui o sujeito primeiro. Este pode denominar-se ‘predicamento’ ou ‘generalíssimo’, pois todas as propriedades que aqui se determinam por si destes, determinam-se deles enquanto têm a razão de generalíssimo ou predicamento<sup>41</sup>.

Enquanto sujeito de uma das partes integrais da ciência da lógica, as categorias ou predicamentos são unificadas num sujeito primeiro que dita os seus princípios

<sup>40</sup> Cfr. Ioannes Duns Scotus, *Quaestiones super Praedicamenta Aristotelis*, q. 11, in Ioannes Duns Scotus, *Quaestiones in librum Porphyrii Isagoge et Quaestiones super Praedicamenta Aristotelis*, ed. R. Andrews – G. Etzkorn – G. Gál – R. Green – T. Noone – R. Wood, (B. Ioannis Duns Scoti Opera Philosophica, vol. I) The Franciscan Institute, Nova Iorque 1999; Ioannes Duns Scotus, *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis. Libri I-V*, ed. R. Andrews – G. Etzkorn – G. Gál – R. Green – F. Kelley – G. Marcil – T. Noone – R. Wood, (B. Ioannis Duns Scoti Opera Philosophica, vol. III) The Franciscan Institute, Nova Iorque 1999, lib. V, qq. 5-6. De acordo com os editores das questões de metafísica, é muito difícil de datá-las, dado que foram sendo revistas e reescritas ao longo da vida de Duns Escoto e que nelas se encontram textos de períodos muito diversos. Sobre as categorias em Duns Escoto, cfr. John Duns Scotus, *Questions on Aristotle's Categories*, trad. L.A. Newton, The Catholic University of America Press, Washington D.C. 2014, Introduction; G. Pini, *Categories and logic in Duns Scotus: an interpretation of Aristotle's Categories in the late thirteenth century*, Brill, Leida – Boston 2002.

<sup>41</sup> *Ideo dici potest quod hic consideratur de decem praedicamentis in quantum eis attribuitur aliquid causatum a ratione, quia aliter non possunt considerari a logico. Et illo modo non habent tantum unitatem analogiae, sed etiam univocationis; et illud univocum istis illo modo est aliquod intentionale, quod est hic primum subiectum. Illud potest nominari 'praedicamentum' vel 'generalissimum', quia omnes proprietates quae per se determinantur hic de istis, determinantur de eis in quantum habent rationem generalissimi vel praedicamenti.* Ioannes Duns Scotus, *Quaestiones super Praedicamenta Aristotelis*, cit., q. 2, n. 19, p. 262.

primeiros enquanto gêneros generalíssimos ou predicamentos. Assim, há uma ciência *propter quid* das categorias com um sujeito unívoco, isto é, que se diz sempre da mesma maneira de tudo aquilo de que se predica. O sujeito da ciência dos predicamentos ou categorias é denominado, precisamente, “predicamento”, pois contém os primeiros princípios comuns aos diferentes predicamentos. Contudo, quer o sujeito “predicamento”, quer os vários predicamentos assim abordados, têm uma unidade que lhes é conferida pela razão, são intencionais, e apenas secundariamente e por acidente consideram aquilo que o metafísico considera por si. Os predicamentos são tratados logicamente enquanto algo intencional lhes é aplicado, e não enquanto entes em si. Na questão 3 do comentário às *Categorias*, Escoto vai exemplificar alguns dos predicados intencionais aplicáveis univocamente a qualquer predicamento: todos são gêneros, todos são predicados de várias coisas diferentes na espécie, etc. Por isso, defenderá Escoto que «toda a diversidade entre coisas de primeira intenção não impede que elas possam ser concebidas pelo intelecto pelo mesmo modo de conceber»<sup>42</sup>. Em consonância com estas questões iniciais, na questão 11, Duns Escoto, ao perguntar-se se existem apenas dez gêneros generalíssimos, dirá duas coisas diferentes, conforme se trate do lógico ou do metafísico. Este ponto é fundamental porque aponta já para as consequências da quebra do isomorfismo entre modos de predicar e modos de ser:

Então está visto que o lógico, ao considerar por si as intenções e o número dos generalíssimos apenas sob essa razão – a saber, a qual se lhes pode aplicar esta intenção ‘generalíssimo’ –, deveria dizer que há mais generalíssimos do que os dez, pois as coisas intencionais (*intentionalia*) são mais do que estes, às quais, enquanto são inteligidas, se lhes pode atribuir uma intenção; embora o metafísico, ao considerar o ente enquanto ente, diria que apenas existem dez.  
(...) Deve dizer-se que apenas existem dez generalíssimos das coisas, dos quais a distinção não é assumida devido a algo lógico apenas, mas devido às próprias essências. Com efeito, a própria intenção do generalíssimo é variada em número apenas nestas. Daí que quanto à dificuldade, ela é mais metafísica do que lógica<sup>43</sup>.

<sup>42</sup> Ibidem, q. 3, n. 8, p. 269. Embora na questão seguinte Escoto diga que “ente” é equívoco para o lógico e análogo para o metafísico, alguns anos mais tarde, nas várias versões dos comentários às *Sentenças*, utilizará a mesma estratégia da univocidade lógica para o sujeito da metafísica, o ente enquanto ente.

<sup>43</sup> *Tunc videtur quod logicus, considerans per se intentiones et numerum generalissimorum tantum sub hac ratione – scilicet qua eis haec intentio ‘generalissimum’ possit applicari –, deberet dicere plura esse generalissima quam decem, quia plura istis sunt intentionalia quibus, in quantum intelliguntur, potest intentio attribui; licet metaphysicus, considerans ens in quantum ens, diceret ea tantum esse decem. (...) / Dicendum quod tantum sunt decem generalissima rerum, quorum distinctio non sumitur penes aliquid logicum tantum, sed penes ipsas essentias. Ipsa enim intentio generalissimi est tantum variata numero in istis. Unde quoad illud quod difficultatis est, magis metaphysica quam logica.* Ibidem, q. 11, nn. 24 e 26, p. 20.

O texto é bastante claro. Escoto antes argumentara que há mais objetos intencionais que formam uma estrutura de dependência lógica entre si até um género primeiro, tais como as privações, os figmentos e os não-entes, pelo que, sob o ponto de vista do lógico, também tem de haver um generalíssimo para cada um deles. Além disso, há o problema da duplicação dos acidentes, passando a ser dezoito, pelo próprio facto de poderem ser concebidos de dois modos, a saber, enquanto concretos (por exemplo, o *quale* branco) e enquanto abstratos (a *qualitas* brancura). Se as categorias se distinguem de acordo com modos de conceber ou a partir dos seus caracteres intencionais, então a lista deve ser imensamente expandida. Simultaneamente, nem sequer poderiam ser consideradas géneros generalíssimos, pois têm um género comum a todas elas, isto é, o género “predicamento” ou “generalíssimo”. Assim, logicamente há uma categoria das categorias, ou seja, não há uma diversidade insanável entre elas. A distinção entre os vários predicamentos faz-se não por critérios lógicos, mas por critérios metafísicos.

Estabelecida a cisão, estamos prontos a compreender a sua crítica aos vários projetos de derivação das categorias a partir de modos de predicção. Na questão 5-6 do livro V do comentário à *Metafísica*, depois de fazer um levantamento exaustivo de perguntas sobre várias possibilidades de redução e de ampliação da lista aristotélica das categorias, Escoto cita a mesma passagem do livro V da *Metafísica* de Aristóteles que é exposta por Tomás na lição acima mencionada. Perante a afirmação aristotélica de que o ente em si se divide em dez, o Doutor Subtil considera que «se apenas diferem segundo o modo de predicar, seriam apenas dez coisas diversas pela razão»<sup>44</sup>. Um pouco mais à frente, os parágrafos 56 a 72 contêm uma crítica à derivação das categorias a partir de modos de predicar – muito provavelmente tendo em vista a própria derivação tomasiana –, seguindo-se-lhe um texto interpolado entre os parágrafos 73 e 80, possivelmente um aditamento posterior à primeira redação da questão, onde se criticam as *viae divisivae* para demonstrar a suficiência dos predicamentos.

Escoto assume como mutuamente exclusivas a distinção dos predicamentos pela sua essência e a distinção dos predicamentos em virtude de diversos modos de predicar. Ora, para Alberto e para Tomás, estas distinções seriam como que paralelas. Aqui, a discordância deve-se à distinção radical entre intenções primeiras e intenções segundas, sendo que as segundas não dão a conhecer nada das primei-

<sup>44</sup> Ioannes Duns Scotus, *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis*, cit., lib. V, qq. 5-6, n. 37, p. 455.

ras enquanto tais. No terceiro de três argumentos que tece, Escoto vai distinguir ser enquanto cópula e ser enquanto predicado, mostrando que não coincidem<sup>45</sup>. Mas ainda que se assumisse esse paralelismo, Escoto tem outros dois argumentos contra a proposta tomasiana. Em primeiro lugar, argumenta que só há dois modos de predicar primários, a saber, *in quid* e *in quale*. Em segundo lugar, só há quatro tipos de predicado – gênero, espécie ou definição, propriedade (*proprium*) e acidente – e cinco universais – gênero, espécie, diferença, propriedade (*proprium*) e acidente.

Por fim, chegámos ao texto interpolado ou aditamento sobre as “vias divisivas”. Para Escoto, elas pecam duplamente. Em primeiro lugar, porque fazem exatamente o oposto daquilo que se pretende, pois se há uma derivação, isso quer dizer que a divisão do ente nas categorias não é primária. Em segundo lugar, não provam nada, pois «seria necessário, na verdade, provar que o dividido se divide assim, e precisamente assim, e isto quanto ao proposto, a saber, que aqueles em que se divide constituam generalíssimos»<sup>46</sup>. Deste modo, Duns Escoto crê que seria preciso provar exatamente porque é que determinada divisão (seja ela qual for) é a divisão certa. Derivar significa, à partida, que se substitui aquilo que é primário, e então as categorias deixam de ser categorias, quer porque estariam compreendidas em algo mais comum que seria unívoco a todas elas, quer porque a haver esse comum, não poderiam existir divisões primárias<sup>47</sup>.

O resto da questão trata de estabelecer que os dez predicamentos se distinguem realmente, isto é, essencialmente, e de responder a todas as possíveis ampliações e restrições à lista aristotélica<sup>48</sup>.

<sup>45</sup> Cfr. *Ibidem*, n. 65, p. 462.

<sup>46</sup> *Id.*, n. 75, p. 464.

<sup>47</sup> «Se, com efeito, se fizer <a divisão> em ente por si e ente não por si, e depois um dos membros se subdividir, ou ambos: ou qualquer divisão será apenas do nome equívoco nas coisas equivocadas, o que não prova nada, pois os nomes são arbitrários; ou algum destes dez será um conceito mais comum e imediato de ente, e assim o ente não se divide imediatamente em dez.» (*Si enim prius fiat in ens per se et in ens non per se, et ultra unum membrum subdividatur vel ambo: aut quaelibet divisio erit tantum nominis aequivoci in aequivocata, quod nihil est probare – quia nomina sunt ad placitum; aut aliquo istorum decem erit conceptus communior immediatior enti, et ita ens non immediate dividitur in decem*). *Ibidem*, n. 74, p. 464.

<sup>48</sup> Esta discussão inclui cada um dos predicamentos: que a quantidade se distingue da substância corpórea (nn. 83-89); que a qualidade não é o mesmo do que a substância (n. 90); que a relação é diferente do fundamento da relação (nn. 91-92); que a ação e a paixão diferem da relação (nn. 93 e 97); que o “onde” não é relação nem lugar (nn. 94-95 e 98-100); que o “quando” difere da relação e do tempo (n. 96); que a posição se distingue da relação e do “onde” (nn. 101-102); e que o hábito não é uma relação (n. 103).

A tendência futura será, de facto, a de reduzir a lista aristotélica dizendo que muitas das categorias não têm correspondência com a realidade. Escoto, de certa maneira, abre o caminho para isso ao quebrar o isomorfismo entre o nível lógico e o nível metafísico de tratamento das categorias, embora a sua intenção não seja, de todo, essa. O que é certo é que a sua crítica, em especial a quebra do isomorfismo entre o nível do ser e o nível da predicação, constitui um marco incontornável na questão.

Pretendemos no futuro estender este estudo aos séculos seguintes, de modo a traçar as linhas de desenvolvimento das respostas ao problema da suficiência das categorias.